

OS EIXOS BIOLÓGICO E SOCIAL DO PSIQUISMO

ORLANDO SOEIRO CRUXIEN*

RESUMO

Este artigo trata da influência interpretativa dos eixos biológico e social no psiquismo. Vários sistemas psicológicos são questionados e comparados a este respeito. Considera a psicanálise a partir de uma exterioridade crítica a tal questão.

Palavras-chave: sistemas psicológicos; psicanálise; psiquismo.

BIOLOGICAL AND SOCIAL AXLES IN THE PSYCAL STRUCTURE

ABSTRACT

This paper treats the influence of biological and social axles the psyche. Many psychological systems are focussed and compared. The question treated is considered as exterior to Psychoanalysis, whose point of view is critical.

Key words: psychological systems; psychoanalysis; psyche.

* Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da UFC. Doutor em Psicologia pela *Université Paris XIII*. Psicanalista, membro do *Corpo Freudiano de Fortaleza – Escola de Psicanálise*.

INTRODUÇÃO

A Psicologia, ao constituir-se como ciência, separa-se da Filosofia, na medida em que formula objetos científicos e métodos de acesso a tais objetos. O princípio de circularidade das ciências faz, no entanto, com que ela mantenha relações não só com a Filosofia, mas também com outras disciplinas como as Ciências Sociais, a História e a Biologia.

O surgimento da Psicologia dá-se, de fato, com a tentativa de acesso aos métodos das ciências ditas naturais. Dessa forma, o experimentalismo sempre foi um ideal na busca, por parte dessa ciência, de critérios de cientificidade. A Psicologia considerada científica buscou as bases biológicas do psiquismo.

Podemos, juntamente com Japiassu (1978), em *Nascimento e Morte das Ciências Humanas*, perceber dois eixos epistemológicos na constituição da Psicologia. Estamos cientes de que, de forma alguma, poderíamos abordar a questão dos fundamentos biológicos e sociais do desenvolvimento do psiquismo, sem acenarmos o fato de que esses eixos têm atravessado a história da disciplina em questão. A tensão entre as bases biológicas e sociais do psiquismo verifica-se no estabelecimento de qualquer sistema de Psicologia.

Eixos epistemológicos seriam os solos ou os horizontes epistemológicos sobre os quais as Ciências Humanas se constituem. Seriam as bases sólidas sobre as quais as Ciências Humanas nasceram e nos quais se apoiaram em seu percurso lento e conflituoso de libertação da tutela filosófica. A proposta do eixo epistemológico da Biologia em Psicologia é que os fenômenos não são independentes das condições físico-químicas de seu aparecimento. Tais condições possuem um primado sobre outros determinismos. A consciência e seus derivados culturais, o conhecimento e as atividades criadoras, possuem múltiplas significações e correspondem ao exercício das funções vitais. Assim, toda ciência humana emprega, de uma forma ou de outra, significações da espontaneidade biológica.

Um outro eixo, constitutivo da Psicologia enquanto ciência humana, seria o eixo da Cultura e da História. Em uma de suas acepções, esse eixo indica que toda ciência se inscreve num contexto cultural, dimensão fundamental dos fatos determinantes para a realidade humana. O ser humano, orgânico em sua estrutura, é cultural em seu desenvolvimento. Seria da natureza do homem não possuir natureza.

Tendo situado a Psicologia, sob uma ótica epistemológica, na interseção de modelos biológicos e histórico-culturais, torna-se mais fácil compreender a tensão entre esses termos, que prevalece no centro de um determinado sistema, bem como na interrelação entre as várias correntes da Psicologia. O peso dado ao fator biológico ou social no desenvolvimento do psiquismo vai depender da abordagem ou linha teórica, não havendo, em Psicologia, um consenso em relação a essa questão.

Dessa forma, pretendemos abordar o assunto a partir da posição de alguns sistemas de Psicologia concernentes aos fatores biológicos e sociais no desenvolvimento do psiquismo. Selecionamos os sistemas levando em conta a valorização que lhes é atribuída pela literatura especializada, pela contemporaneidade dos sistemas e pela clareza de suas posições em relação às tendências biológicas ou sociais na explicação do advento do psíquico. Privilegiar uma única linha de análise seria uma forma parcial e ideológica de interpretação do problema. Contribuiria mais para a obscuridade que para clareza em relação ao tema.

O BEHAVIORISMO

O Behaviorismo, mesmo levando em conta a diversidade das idéias de seus representantes, defende o organismo como respondente a estímulos. Dessa forma, mantém-se em continuidade com a Psicofisiologia. O Behaviorismo, ao negar a existência da mente, direciona-se para um monismo puramente físico. O que é chamado de atributo da mente é, na verdade, atributo da complexa organização fisiológica do corpo humano. Entre as argumentações behavioristas pela defesa da tese da identidade do psíquico com as funções fisiológicas, repousa a suposição da Física de que eventos não físicos (como a consciência) possam interatuar com eventos físicos. Caso isso fosse possível, o princípio da conservação de energia seria violado. Se as idéias podem influenciar músculos, então elas próprias devem, também, ser eventos físicos que ocorrem no sistema nervoso e, por conseguinte, não mentais. Essa posição pode ser encontrada, de forma clara, nos trabalhos de Watson (1974) e Lashey (1978).

A experimentação behaviorista na área da Psicologia Comparada parte do princípio da continui-

dade entre o animal e o homem. Embora a diversidade das concepções behavioristas postulem o advento do psíquico a partir de situações psicológicas, elas vão divergir quanto ao peso dessas determinações. O papel das variáveis internas é relativizado pela importância da estimulação externa do meio ambiente.

Entre os behavioristas, aqueles que enfatizam a perspectiva internalista, com a prevalência do modelo biológico, estão bem representados em Hull e seus discípulos Holland e Miller (apud Hall e Lindzey, 1973). Hull defende o estabelecimento de respostas comportamentais como hábitos. O organismo teria impulsos primários e secundários, que o reforçamento do meio trataria de expandir ou reprimir. A ação do organismo se daria no sentido de redução dos impulsos ou *drives*. As atividades seguidas de redução de *drives* são reforçadas. Essa perspectiva de Hull (apud Hall e Lindzey, 1973) encontra-se no esquema S®O®R (estímulo-organismo-resposta). É diversa da estabelecida por Watson (1974) e Skinner (1953) que defendem o esquema S®R. Vemos como tal esquema, embora leve em conta a continuidade com o fisiológico, vai explorar basicamente a estimulação externa.

No caso de Watson (1974), uma de suas teses fundamentais situa o organismo como dispoñdo de estruturas hábeis para certos comportamentos, os quais caberia a aprendizagem reforçá-los ou não. Ao propor, na modificação do comportamento, o descondicionamento, Watson privilegia a ação de estímulos externos, ou do meio ambiente.

A influência do meio ambiente no comportamento ganha contornos mais visíveis a partir da categoria de condicionamento operante, formulada por Skinner. O condicionamento operante apóia-se em repostas do tipo instrumental. Ou seja, em relação a respostas emitidas e não eliciadas, seguem-se eventos reforçadores. Com o condicionamento operante, parte-se de condutas imprevisíveis visando a um estado de previsão e controle. O método experimental, ao trabalhar com eventos reforçadores, objetivando previsão e controle do comportamento, acentua o papel do meio ambiente, ou do social na fabricação dos comportamentos. O social seria

condicionante e o organismo adaptativo a ele. Veremos, posteriormente, como a Psicologia russa vai inverter a equação organismo-meio, da forma como é postulada pelos behavioristas. Vejamos antes, porém, como a Psicanálise distribui o peso do determinismo biológico e cultural no centro de seu aparato conceitual. Centralizaremos nossa discussão nos pressupostos freudianos e na leitura que Jacques Lacan estabelece dos mesmos. Assim, como outros, a Psicanálise não é um sistema uniforme e recebe leituras a partir dos lugares que a tomam como discurso. Entre eles estão a Psicologia do ego americana (representada por Lowenstein, Kris e Hartmann), a escola inglesa (representada por Melanie Klein e Winnicott), para citarmos apenas alguns expoentes. Deter-nos-emos em Freud (1978), por sua obra manter a virulência da descoberta psicanalítica do Inconsciente e servir, de uma forma ou de outra, para referência das outras escolas. Lacan será citado por sua lealdade à descoberta freudiana, bem como pelo redimensionamento conceitual, facilitador de explicações.

A PSICANÁLISE ¹

Já a partir de sua pré-história, com Charcot, encontramos elementos de dissidência da Psicanálise em relação ao modelo biológico. Charcot (apud GAY, 1999), ao produzir através de drogas a hipnose, a regularidade do quadro histérico, rompe com a tradição de se vincular a sintomatologia histérica a referentes neurológicos.

Entretanto, autores como Japiassu (1978) alegam que a Psicanálise funda-se sobre um modelo biológico. O primeiro trabalho de Freud (1978), que tentava sistematizar o funcionamento psíquico, *Projeto para uma Psicologia científica*, realmente utiliza terminologias da Fisiologia e Neuroanatomia na explicação do dinamismo psíquico. Fá-lo, no entanto, no sentido metafórico. Freud recorre neste trabalho ao neurológico enquanto modelo científico, a partir do qual se pode pensar a atividade psíquica. Não significa, porém, que as categorias por ele trabalhadas possam ser avaliadas do ponto de vista experimental, por exemplo.

¹ Queremos enfatizar que, embora exploremos os eixos biológicos e sociais na Psicanálise, a mesma constitui um saber específico, independente de outro qualquer.

Aqui, temos a primeira referência da teoria psicanalítica ao eixo biológico das ciências. Esse eixo é tomado como modelo explicativo do funcionamento psíquico, não constituindo, no entanto, a base determinista do funcionamento psíquico. A parte mais hipotética da teoria freudiana, que trata da dualidade das pulsões, entre pulsões de vida e pulsões de morte, mantém uma fidedignidade com pressupostos biológicos da homeostase dos organismos. O ponto de vista econômico da primeira tópica pressupõe o princípio da homeostase, em que o nível energético do psiquismo tenderia nas suas relações com o meio a direcionar-se para níveis de energia menores (prazer). É nessa dimensão, que possibilita uma tradução biologizante, que Reich (1978) vai desenvolver sua abordagem corporal.

No entanto, a estruturação psíquica, para Freud, na evolução de sua obra, é situada na esfera da fantasia. A fantasia é uma articulação do sujeito para fazer frente à castração, estruturante para o mesmo. Com o conceito de fantasia Freud rompe com qualquer possibilidade de biologização do psiquismo.

A estruturação do psiquismo advém da ordem simbólica. Essa ordem marca a inserção do social no psíquico, e o antecede. Mesmo antes de nascer o indivíduo é desejado ou não, mas é posicionado em relação ao desejo dos pais. Esses desejos são simbolizados no universo da linguagem, a partir da história significativa daqueles que desempenham as funções paterna e materna. Os discursos que permeiam o sujeito, por serem discursos do desejo, situarão o falante nas posições existenciais que ele poderá vir a ocupar. Fornecem uma organização para o sujeito em termos de identidade, sexualidade, restrições, etc. Por estar imerso num mundo de cultura, ou linguagem, o sujeito já é social. Os significantes do código lingüístico, no entanto, reportam-se a desejos inconscientes e ganham especificidade na historicidade desses desejos.

Em *As pulsões e seus destinos*, de 1915, Freud vai estabelecer a pulsão como diferente do instinto, formando-se na fronteira do biológico com o psíquico. A pulsão oral, dessa forma, apóia-se na necessidade de alimentar, mas significa um salto qualitativo em relação à mesma. A pulsão oral constituiu-se em relação ao desejo, transcendendo a ne-

cessidade orgânica. Tal ponto pode ser ilustrado pelo movimento de sucção que a criança apresenta depois da amamentação. Mesmo depois de satisfeita a necessidade alimentar, o desejo resta, permanece.

Podemos resumir o ponto de vista freudiano sobre as determinações do biológico e do social da seguinte forma: Freud, mesmo reconhecendo que o psíquico se estabelece em uma base orgânica (noção de apoio funcional), coloca que o psíquico a transcende. Por outro lado, no psíquico estão implicadas as formas simbólicas do social. A inserção das palavras no código lingüístico, bem como sua historicidade nos complexos familiares vão ser determinantes para o destino do sujeito.

Se tomarmos como metáforas úteis à nossa discussão os conceitos de infra-estrutura e de superestrutura, fatalmente os ligaremos ao materialismo dialético de Marx. Para Marx, a infra-estrutura consistia nas relações da produção que sustentavam uma determinada organização social. Essas relações, nas formações sociais capitalistas, trazem em si o germe da contradição, do conflito entre burgueses e operários. A superestrutura consiste numa criação ideológica do Estado para a manutenção dos privilégios burgueses. A infra-estrutura é, portanto, o fator determinante das relações que a superestrutura deve legitimar através da ideologia, como nos evoca Marx em *A ideologia alemã* de 1983. Fizemos aqui essa referência, para colocar que, do ponto de vista desta lógica, que implica o infra-estrutural como determinante, no caso da Psicanálise, ele só poderia ser situado no lado do social, da ordem simbólica, com a anterioridade do mundo da cultura em relação ao sujeito. Claro que o infra-estrutural psicanalítico, o Simbólico, vem se inscrever na base do Real orgânico. Mas o biológico não é, para a psicanálise, o fator de determinação psíquica.

Mesmo na Psicologia, o biológico não seria sempre o infra-estrutural. Há uma linha de raciocínio que confunde o infra-estrutural, enquanto síntese de múltiplas determinações, com a base orgânica da qual não se pode fugir em Psicologia. Afinal, só pode existir psiquismo em corporalidades. Piaget (1971), na formulação da Psicologia Genética, também se insere entre os que situam o psíquico como especificidade, no caso, como salto, tanto em relação às determinações biológicas quanto sociais.

De acordo com Ivan Corrêa², a tendência de interpretar textos freudianos, como *Projeto para uma Psicologia científica*, à luz de categorias da fisiologia, deu-se pela dificuldade de algumas culturas, como a inglesa, de aceitar algumas formulações de Freud, entre as quais aquelas que se referiam à sexualidade. A tradução forjou a mudança de alguns termos, como pulsão (*Trieb*) para instinto (*Instinkt*), na tentativa da obra freudiana ser mais aceita na comunidade científica e pela sociedade em geral.

Tanto o equívoco na tradução da obra freudiana, quanto a formulação inicial, por Freud, sobre a neurose atual tiveram implicações para o desenvolvimento, por Reich (1978), da *Análise do Caráter*, que lançou os fundamentos para as abordagens corporais atuais, como a de Alexander Lowen – a Bioenergética. Wilhelm Reich (1978) propõe uma integração no plano interno de represamento da energia sexual e o plano das repressões sociais úteis às manutenções de sistemas políticos.

Antes de sistematizar o papel da fantasia na estruturação psíquica, Freud (1978) formulava a “neurose atual” como conjunto sintomático da atividade bloqueada ou pouco satisfatória, como o coito interrompido, estados de abstinências, etc. Esta idéia é tomada por Reich (1980) com o conceito da estase libidinal em *A função do orgasmo*. A estase libidinal caracterizaria um represamento energético. Por outro lado, do ponto de vista social, haveria um interesse do Estado de, com a moral burguesa, manter essa repressão, cuja energia, desviada dos fins sexuais, serviria ao sistema econômico. Em *A revolução sexual*, Reich (1988) discute sobre a necessidade de se atuar de forma revolucionária em relação às elites capitalistas, mantenedoras da miséria sexual e, conseqüentemente, da miséria psíquica.

Reich (1980), ao sustentar o caminho para a saúde como desbloqueamento da energia sexual, parte do pressuposto da sexualidade como biológica, instintiva. Freud (1978), ao se deter no estudo da psicose, em que a fantasia tem papel fundamental, demonstra que a sexualidade surge por representantes pulsionais, cujo objeto do desejo é desde sempre perdido. A completude genital, como é postulada por Reich (1980), é um malogro na perspectiva freudiana.

De qualquer forma, vemos em Reich (1980) uma integração do biológico e do social no desenvolvimento do psiquismo. As repressões são internalizadas em termos de retenção muscular de energia, numa relação direta com as tentativas moralizantes da sociedade, que utilizam a energia represada no processo produtivo e na domesticação dos indivíduos. Vejamos como Piaget (1971) situa sua teoria em relação ao eixo biológico e cultural do psiquismo.

A EPISTEMOLOGIA GENÉTICA

A área central dos estudos piagetianos seria o terreno das formações cognitivas. Para Piaget (1971), as estruturas do conhecimento tornam-se necessárias ao cabo de um processo de desenvolvimento, sem o serem desde o início e não comportam programação prévia. Nas formações cognitivas a hereditariedade e a maturação se limitam a determinar as zonas de impossibilidade ou de possibilidade de aquisições. É esse o relevo das bases biológicas do psíquico. A partir das aquisições, Piaget (1971) situa o papel do meio no desenvolvimento cognitivo. As aquisições exigem atualizações que comportam contribuições externas devidas à experiência, portanto, ao meio, e uma organização progressiva interna produzindo auto-regulações. Com a noção de auto-regulação, temos um dos conceitos fundamentais da Psicologia Genética. Com esse conceito, Piaget (1971) pretende ultrapassar tanto o inatismo, quanto o ambientalismo.

A Psicologia genética defende a interação do sistema vivo com o meio, realizando-se a partir da indivisibilidade dos processos de assimilação e acomodação. Na assimilação, o organismo, de certo modo, impõe sua estrutura e esquemas cognitivos ao meio. Na acomodação, reestrutura em esquemas de consonância com as particularidades do meio. Piaget estabelece, portanto, a idéia de ação do organismo no processo de conhecimento, eixo central do sujeito, em sua vida intelectual ou emocional. Distancia-se, dessa forma, dos behavioristas clássicos, que defendiam a tese do sujeito como respondente ao meio. Em Piaget, a ação é central e não os sentidos. Piaget rejeita a tese behaviorista de resposta a qualquer estímulo. Desenvolve a noção de

² Palestra proferida aos membros da CLEF (Clínica e Estudos Freud-lacanianos de Fortaleza) em 1991.

competência, ou seja, a capacidade de um organismo responder a estímulos específicos e não a outros. Essas respostas são dadas a partir da estruturação cognitiva do sujeito. A relação entre o indivíduo e o social é medida pela evolução dos estágios cognitivos. Piaget, dessa forma, não privilegia as bases biológicas da cognição nem as influências ambientais. O estruturante do sujeito estaria vinculado a sua organização cognitiva interna. Leva em conta, entretanto, a influência desses fatores no estabelecimento dos estágios cognitivos.

Tendo uma perspectiva genética, Piaget postula o desenvolvimento cognitivo como um processo de superação constante de estágios. O pensamento e a linguagem, através de um processo de descentração progressiva, partem do egocentrismo que, em redução gradual, direciona os sujeitos para uma socialização progressiva do pensamento e da linguagem.

AS CORRENTES SÓCIO-HISTÓRICAS DA PSICOLOGIA

Pensamos em situar, por fim, a questão das determinações biológicas e sociais para o psiquismo, da forma como ela tem se dado na Psicologia da antiga União Soviética. Tal escolha funda-se em dois fatores. Um deles é que as preocupações dessa escola giram em torno desses eixos que situamos já em relação a quatro outros sistemas. O segundo seria o surgimento do referencial mencionado, principalmente, na Psicologia Social da América Latina.

A corrente sócio-histórica tem se caracterizado pela tentativa de abordar o psíquico, enquanto objeto da Psicologia, a partir do solo epistemológico do materialismo histórico dialético. O problema central dessa escola era o fato da descoberta marxista ter como referencial o processo econômico, social e histórico e nenhuma referência direta aos processos de desenvolvimento psíquico.

Se, para Marx (1978), a história das sociedades era regida pelas relações veladas, porém concretas, entre as forças produtivas e os modos de produção, caberia à Psicologia definir as relações do psíquico com o concreto. O psíquico não poderia, simplesmente, ser colocado como o imaterial e abstrato de concepções que se baseavam no pressuposto da Idéia hegeliana, prevalente em relação ao real.

Para estabelecer o conceito de real em Psicologia, a Psicologia soviética teve um percurso tortu-

oso. Inicialmente, procurou-se um caminho na "reflexologia". O psicofísico certamente responderia como uma base material do psiquismo. Esse era o postulado que poderia ser obtido através dos trabalhos de vários expoentes da psicologia russa. Constituiria uma infra-estrutura biológica para o psiquismo. Ao longo dos trabalhos experimentais e das discussões teóricas, um problema sério se delineava. Ao organismo como respondente a estímulos não poderia ser atribuída a categoria de atividade. Seria um organismo meramente passivo. Tal fato se chocava com a idéia marxista do homem como sujeito de história e de que o homem seria um ser naturalmente ativo.

Nesse momento, na década de 30, entra em cena uma corrente que concebe o princípio de uma "unidade dialética" da consciência e do comportamento, enquadrado no conceito da atividade humana, de Marx. Segundo esta perspectiva, através da atividade o indivíduo se revela objetivando o mundo interior de sua consciência. Ao mesmo tempo, o homem por sua atividade desenvolve seu mundo subjetivo. Essa atividade não é meramente individual, mas, principalmente, social. Nesse sentido, a consciência e o social se dão num processo interativo, em que cada um dos termos interfere e modifica o outro. A consciência, enquanto categoria fundamental, é determinada tanto pelo concreto biológico quanto pelas condições sociais do homem, ao mesmo tempo em que interfere no mundo. Portanto, o peso das determinações biológicas é dividido com as determinações sociais. Vale ressaltar que, se a "reflexologia" refere-se ao meio ambiente, de onde provêm estímulos, o ambiente não constitui o social marxista, multiplamente determinado pelo sistema produtivo. O social constitui um todo organizado determinado historicamente pelos modos de produção e conflitos classistas.

Vygotsky (1973) que, inicialmente, aproximava-se das concepções reflexas, tentando ver a consciência como combinações de reflexos condicionados, dá um passo na direção do método histórico. A teoria elaborada por Vygotsky (1973) é denominada histórico-cultural. Se a teoria marxista assinala na preparação de instrumentos de trabalho o papel da estrutura geral de produção material, pode-se deduzir que o trabalho implica, também, a produção que o homem faz de si mesmo, de suas forças essenciais.

A produção material, que constitui a infraestrutura social, implica a produção espiritual, superestrutural. A linguagem constitui o principal instrumento da produção espiritual. Os atos de consciência seriam formados de signos verbais.

A corrente sócio-histórica sustenta que as funções psíquicas “inferiores” ou “naturais” são transformadas em superiores, a partir de uma série determinante histórico-cultural. O mundo dos signos não existe por si mesmo. Somente se dá através da comunicação, sendo toda comunicação social mesmo a estrutura da relação social que vai interferir no significado lingüístico. Vale a pena ressaltar que essas idéias estão presentes em Saussure (1980). Em *Curso de lingüística geral*, esse autor se refere ao caráter arbitrário do signo, dependente do eixo histórico da língua.

Para Vygotsky (1973), o instrumental, o real das relações sociais são atualizados no psiquismo. Da mesma forma como uma ferramenta que, se analisada, reflete todo o mundo social de trabalho: utilidade, evolução, divisão de trabalho; o signo possui as mesmas determinações. Sendo instrumento da consciência, é, por outro lado, capaz de modificar o todo social, contribuindo para a ação do sujeito.

Podemos perceber o endossamento por parte de Leontiev (1978) das idéias de Vygotsky (1973). Para Leontiev (1978), o psiquismo está intimamente associado ao desenvolvimento da “matéria viva” que serve para orientar os organismos com respeito a seu ambiente e rege seu comportamento. O desenvolvimento da mente especificamente humana, no curso da evolução histórica, é considerado como uma conseqüência das atividades sociais ligadas ao trabalho humano, requerendo comunicação interpessoal e facilitando o desenvolvimento da consciência como uma forma especial de reflexo da realidade. A linguagem se torna o meio da consciência social e o substrato da consciência dos indivíduos.

Dessa forma, podemos perceber no movimento das idéias da Psicologia Russa acerca do desenvolvimento psíquico dois movimentos. O primeiro deles consistiu numa tentativa de se estabelecer uma equivalência entre a infra-estrutura social e a base reflexa do psiquismo. Dentro das impossibilidades de se unir o reflexo com a consciência e a atividade do sujeito, estabeleceu-se o segundo movimento com Vygotsky (1973) e Leontiev (1978). A base material da consci-

ência estaria no signo lingüístico em suas relações com o mundo do trabalho. A partir desse segundo momento, a consciência e o trabalho são determinados e determinantes em relação ao mundo social. A infraestrutura é, na verdade, social. Ela determina o concreto dos elementos da consciência e das atividades do sujeito. Modifica o indivíduo em sua ontologia: percepção, vontade, constituição física, nas bases concretas do ser. Essa última idéia aponta para uma dialetização na medida em que as bases concretas do ser retornam ao social. No entanto, o concreto do organismo não poderia jamais, nessa visão, ser confundido com o conceito empírico do biológico. Uma interpretação com esse teor desconheceria em profundidade a coerência da última fase da Psicologia russa com as bases epistemológicas do marxismo, para o qual o concreto é a síntese das contradições sociais e não o real empírico, social ou biológico.

CONCLUSÃO

Durante nossa exposição procuramos demonstrar a forma como cinco sistemas psicológicos situaram a questão das bases biológicas e sociais no desenvolvimento do psiquismo. Piaget chama a atenção para o fato de haver, em Psicologia, uma tendência a reduzir eventos observáveis à fisiologia, por um lado, e à sociologia, por outro, eliminando-se assim a especificidade do mental. Japiassu (1978), em *Nascimento e morte das ciências humanas*, concorda com Piaget ao colocar que a falta de clareza em relação aos eixos epistemológicos de uma ciência dificulta o estabelecimento do objeto da mesma e, portanto, de sua direção no processo científico. Nossa forma de exposição, ao analisar a posição de sistemas importantes quanto ao eixo biológico e social no advento do psíquico, permitiu a formação de um quadro em que as diferenças e semelhanças de pontos de vista fossem visíveis. Como analisamos anteriormente, a eleição de apenas um ou dois referenciais seria uma maneira parcial de tratar o problema. A parcialidade facilita a atitude ideológica que, atravessada por poderes, obstrui a busca da verdade. O movimento da verdade constitui a razão de toda ciência.

Sistemas importantes como a Psicologia Humanista e Psicologia da Gestalt não foram abordados. Deixamos tal tarefa para um outro trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREUD, S. *O inconsciente*. Rio de Janeiro: ESB-Imago, 1978.
- _____. *Le moi et le ça*. Paris: Gallimard, 1996.
- _____. *As pulsões e seus destinos*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1978.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para além do novo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HALL, C. S. e LINDZEY, G. *Teorias da personalidade*. São Paulo: EPU, 1973.
- HEIDEBREDER, E. *Psicologias do século XX*. São Paulo: Mestre Jou, 1984.
- JAPIASSÚ, H. *Nascimento e morte das Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LASHEY, R. S. *Brain mechanisms and intelligence*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.
- LEONTIEV, A. N. *Actividad, consciencia e personalidad*. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978.
- MARX, K. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PIAGET, J. *A epistemologia genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *A situação das ciências do homem no sistema das ciências*. Rio de Janeiro: Amadora, 1971.
- REICH, W. *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- _____. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: EDART, 1953.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamiento y lenguaje*. Buenos Aires: Plyade, 1973.
- WATSON, J. B. *Behaviorism*. New York: Norton, 1974.
- WUNDT, W. *Princípios de psicologia fisiológica*. São Paulo: EDART, 1975.